

**SOCIOLOGIA** Modelo matemático sugere que o quéchua, embora falado por 8 milhões de pessoas, pode desaparecer até 2030

# Língua de índios peruanos tende a sumir

REINALDO JOSÉ LOPES  
FREE-LANCE PARA A FOLHA

Ninguém se arriscaria a dizer que o quéchua, uma língua indígena falada por cerca de 8 milhões de pessoas no Peru e em outros três países, corre o risco de sumir do mapa. Mas é exatamente essa a previsão de um modelo matemático desenvolvido por uma dupla de pesquisadores americanos, que pode ajudar a entender como as línguas morrem — e o que pode ser feito para salvá-las.

“O que nosso modelo mostra é que você tem de fazer algo. Se você deixa as línguas se virarem sozinhas, uma delas quase certamente vai suplantá-la”, resume o matemático Steven Strogatz, da Universidade Cornell, no Estado de Nova York. Ele e seu orientando Daniel Abrams, físico, assinam o estudo que sai hoje na revista científica britânica “Nature” ([www.nature.com](http://www.nature.com)).

O modelo dos pesquisadores usa basicamente duas variáveis: a população falante de cada uma das línguas que coexistem dentro de um território e o status atribuído a elas. O resultado alarmante é

que, mesmo que uma língua ainda tenha um número razoável de falantes e pareça saudável, o declínio é inevitável caso seu status seja mais baixo que o do idioma que compete com ela.

Parece estranho que uma dupla como Abrams e Strogatz tenha decidido se embrenhar num problema ao mesmo tempo linguístico e social — o desaparecimento de 90% das 5.000 línguas faladas hoje no planeta, na próxima geração. “Na verdade, o interesse por línguas de Danny [Abrams] é a alma do trabalho”, conta Strogatz, 44. “Ele decidiu estudar quéchua e se viu embrenhado na questão do declínio dessa língua.”

## De igreja em igreja

A coisa ficou séria quando Abrams, durante uma viagem ao Peru, resolveu encarar o problema cientificamente. Como o declínio do quéchua ao longo dos tempos não tinha sido documentado, ele resolveu conseguir dados aproximados visitando igrejas das cidades peruanas e perguntando ao vigário de cada uma quando tinha sido a última vez que uma missa tinha sido celebra-

da na língua dos índios peruanos.

Unindo a estimativa conseguida com esses registros às estatísticas confiáveis documentando o declínio de duas línguas do Reino Unido, o galês e o gaélico escocês, os pesquisadores aplicaram seu modelo. “É claro que ele é apenas aproximado, porque nós consideramos que as populações que falam as duas línguas estão em contato completo, e que ninguém é bilingue”, diz Abrams, 25.

Feitas as contas, a dupla verificou que a força do número de falantes de cada uma das línguas competidoras (espanhol no caso do quéchua, inglês para o galês e o gaélico) parecia ser mais ou menos igual para todas as regiões estudadas. Aparentemente, o que está fazendo diferença é o status — definido como qualquer vantagem social ou econômica que alguém venha a obter por deixar a língua materna e adotar outra.

No caso do quéchua, em que muitos netos não são mais capazes de conversar com os avós, o modelo prevê o status mais baixo, e a possível extinção, até 2030. “O modelo tem um poder preditivo — se nada mudar, é claro.”

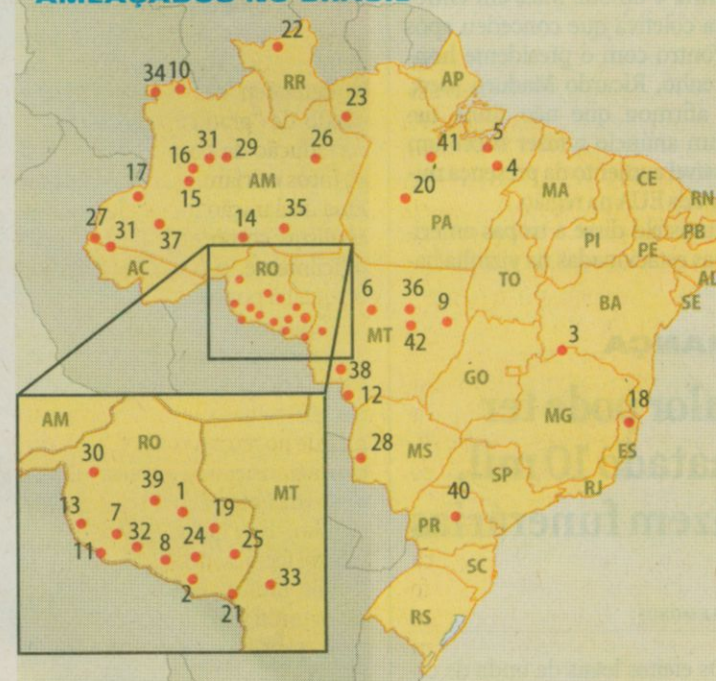
E quanto a línguas como o espanhol falado nos Estados Unidos, que cresce cada vez mais graças à imigração? “Eu cresci no Texas e acho que posso falar com conhecimento de causa”, afirma Abrams. “Ali, as pessoas falam muito espanhol, e isso mascara a falta de status da língua. Mas a tendência dos filhos e netos é falar apenas inglês, exatamente por causa do status.”

## Simple demais

Para o linguista norte-americano Denny Moore, especialista em línguas amazônicas do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, o modelo falha justamente em não levar em conta o bilinguismo ou o multilinguismo. “É o caso do Xingu, onde várias línguas convivem de forma estável”, afirma.

“Eles mostram que a situação é parecida em alguns lugares. Mas o que determina a sobrevivência da língua é quantos jovens estão aprendendo a usá-la, e se existe um contexto social no qual ela ainda é dominante”, diz Moore, para quem projetos de educação bilingue precisam trazer prestígio para a língua ameaçada.

## CONHEÇA OS IDIOMAS URGENTEMENTE AMEAÇADOS NO BRASIL



|                          |                          |                           |                       |
|--------------------------|--------------------------|---------------------------|-----------------------|
| 1) Ajuru                 | 12) Guató                | 34) Mauaiana              | 33) Sabané            |
| 2) Akuntsu               | 16) Canoé                | 24) Mequém                | 34) Tariana           |
| 3) Akwén/xacriabá        | 14) Catauixi             | 25) Mondé                 | 35) Torá              |
| 4) Amanaíé               | 29) Catuquina do rio Biá | 26) Mura                  | 36) Trumai            |
| 5) Anambé                | 16) Cocama               | 27) Nuquini               | 37) Txunhuá-djapá     |
| 6) Apiacá                | 17) Corubo               | 28) Ofaié (ofaié-xavante) | 38) Umutina (omotina) |
| 7) Arikapú               | 18) Crenaque             | 29) Omágua (cambeba)      | 39) Urupá             |
| 8) Aruá                  | 19) Cujubim              | 30) Oro win               | 40) Xetá              |
| 9) Avá-Canoeiro          | 20) Curuaia              | 31) Poianaua              | 41) Xipaia            |
| 10) Baré                 | 21) Kwazá (koiá)         | 32) Puruborá              | 42) Iaualapiti        |
| 11) Djeoromitxi (jabuti) | 22) Macu                 |                           |                       |

\*Fonte: Denny Moore, coordenador de linguística da área de ciências humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi

Editoria de Arte/Folha Imagem

INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
TSP (ciência)  
Documentação

Class. 45  
Data 21/8/2003 Pg 418